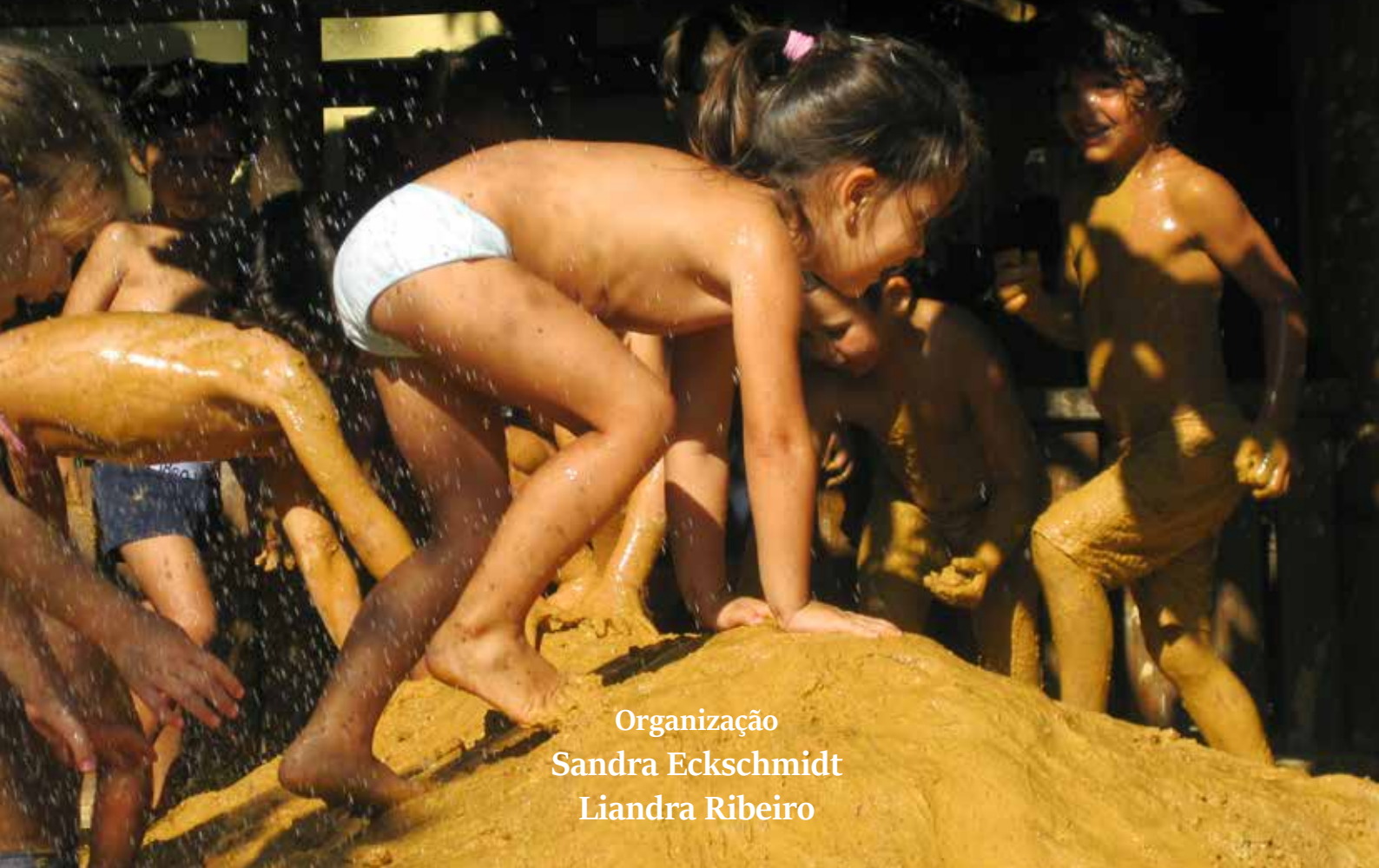


Quem já brincou no barranco?



Organização
Sandra Eckschmidt
Liandra Ribeiro

CASA AMARELA
apresenta

Quem já brincou no barranco?

Organização
Sandra Eckschmidt
Liandra Ribeiro

Copyright © 2018 - Casa Amarela Maternal e Jardim de Infância

Organização: Sandra Eckschmidt e Liandra Ribeiro

Revisão de texto: Paula Desgualdo e amigos

Fotos: Sandra Eckschmidt

Projeto gráfico: Diógenes Fischer

Todos os direitos reservados ao

Centro de Estudos Casa Amarela

Rua Elpídio da Rocha, 200, Rio Tavares

Florianópolis – Santa Catarina (SC) – Brasil

www.escolacasaamarela.com

facebook.com/casaamarelafloripa

bit.ly/casaamarela-videos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Eckschmidt, Sandra.

Quem já brincou no barranco? / Organizadoras: Sandra

Eckschmidt e Liandra Ribeiro. – Florianópolis: Casa Amarela, 2018.

76 p. : il. ; 21 cm.

1. Antroposofia 2. Educação Humanística 3. Educação de crianças
4. Crianças - Desenvolvimento 5. Escolas Waldorf I. Título

CDD 370.112

Agradecemos às crianças e suas famílias!

Sumário

Centro de Estudos Casa Amarela.....	8
Palavras iniciais.....	10
Quem já brincou em barranco de terra?.....	15
Passo a passo da construção de um caminho.....	18
Gestos que educam.....	27
Gestos de fazer junto.....	30
Gestos de acolhimento.....	30
Gestos com intenção.....	33
Brincar com a terra no ciclo do ano.....	37
Casinha: tarefa de “criança grande”.....	54
De mutirão em mutirão, chegamos ao final.....	61

(...) Educar é um ato heroico em qualquer cultura.

Talvez seja pelo fato de que educar exige que a pessoa saia um pouco de si e vá ao encontro do outro; um outro desconhecido; um outro anônimo; um outro que me questiona; um outro que me confronta com meus próprios fantasmas, meus próprios medos, minha própria insegurança.

Talvez seja pelo fato de que educar exige sacrifício, exige renúncia de si, exige abandono, exige fé, exige um salto no escuro.

Talvez por isso seja algo para poucos.

Seja para pessoas que acreditam nas outras pessoas.

Seja para pessoas que não se acomodaram diante da mesmice que a sociedade pede todos os dias. Talvez seja por isso que seja mais fácil encontrar professores que educadores.

Daniel Munduruku¹

¹Sobre piolhos e outros afagos: conversas ao pé da fogueira sobre o ato de educar(se) (MUNDURUKU, Daniel).

Centro de Estudos Casa Amarela

Ser um educador de um grupo de crianças é uma das grandes oportunidades que a vida oferece para quem escolhe o caminho da educação. Nesse pequeno grande universo, podemos participar e acompanhar o desenvolvimento humano, as relações construídas e as criações diárias expressas na singularidade de cada criança.

Todo dia que começa oferece a possibilidade de um novo encontro. A vida pulsa no movimento fluido de transformação, trazendo alegrias imensas e também grandes desafios. O educador intui, acerta, experimenta, erra, tenta de novo, mas não desiste. Persiste em sua vontade de aproximar-se do ideal de educação que almeja e levar o melhor às crianças que estão diante dele. É incrível como a criança não conta os acertos, tampouco os erros, e sim o esforço de se erguer e se colocar no exercício de tentar mais uma vez e continuar a caminhada.

Assim, o educador vai construindo um conhecimento que parte da sua atuação, passa pelo seu coração e, à noite, quando reflete sobre o seu dia,

acaba recebendo bênçãos e forças renovadas das estrelas para recomeçar no dia seguinte, tudo de novo. Essa prática diária não quer dizer que ele não tenha estudado ou se preparado para estar diante da criança; significa que, para se relacionar adequadamente com o outro, colocar-se no caminho do aprendizado e ser humano, é preciso seguir os passos do conhecimento. É uma trilha bonita e precisa: da ação ao coração, para então entretecer-se com a reflexão formando um pensamento vivo. Para estar com crianças pequenas não podemos prescindir desses elementos. Precisamos agir, precisamos ser e precisamos conhecer!

Quando nos reunimos às quintas-feiras² para compartilhar vivências e estudar as observações dos processos de desenvolvimento das crianças, com todas as dificuldades e superações, ficamos espantados com o conhecimento vivo e criativo produzido diariamente por um educador que faz do dia a dia com as crianças a sua missão. Não se trata de teorias abstratas, mas de experiências

humanas que fundamentam a antropologia, o conhecimento do humano a partir de uma escuta da criança. É retirar nossa compreensão da vida vivida, do que a experiência revela com todas as suas manifestações e em suas diferentes nuances.

Aqui se mostra um caminho, talvez inverso, de como o conhecimento está estruturado em nossa sociedade. “Inverso” porque, neste caso, começamos pela criança. Para isso, é necessário construir uma postura humilde, curiosa e aberta e, acima de tudo, confiar nessa criança diante de nós, de forma que ela possa se expressar em sua inteireza, sem categorizá-la em conceitos preestabelecidos.

Foi aos poucos que nós, educadoras da escola Casa Amarela³, fomos nos conscientizando e nos apropriando dessa forma de estudar e pesquisar. A partir da observação minuciosa do fenômeno, construímos possibilidades distintas de atuação e compreensão em relação aos nossos desafios diários. Depois de muitos anos trabalhando e estudan-

do nessa perspectiva, resolvemos “inaugurar” o que chamamos de Centro de Estudos Casa Amarela. Nomear esse processo, que já se dava de forma espontânea no grupo de professoras, tem a intenção de valorizar a pesquisa e o estudo que acontecem diariamente nas práticas escolares, e também de encontrar maneiras de compartilhar, não apenas no grupo de professoras, mas com os pais e com quem tiver interesse, as descobertas desse caminho que encanta todas nós. Este livro é a nossa primeira produção compartilhada, um exemplo do que o nosso grupo de educadoras vem fazendo.

Esperamos que nossas práticas e estudos possam inspirar o trabalho de outros educadores, que atuem com alegria e muita vontade de contribuir para uma educação verdadeira e humana nos muitos cantinhos do nosso país. Uma boa leitura a todos!

Educadoras da Casa Amarela

(Eliane, Gil, Juliana, Liandra, Monica e Sandra)

²Nas escolas de Pedagogia Waldorf do mundo inteiro, as reuniões pedagógicas com todo o corpo docente acontecem semanalmente às quintas-feiras. Essa é uma forma de fortalecer o conhecimento e o impulso da educação humana. A reunião é organizada de forma particular em cada escola, mas todas partem de alguns temas como estudo, observação das crianças, atividades artísticas e práticas pedagógicas.

³A Casa Amarela Maternal e Jardim de Infância é uma escola de educação infantil de Pedagogia Waldorf localizada em Florianópolis (SC). Para mais informações, acesse www.escolacasaamarela.com

Palavras iniciais

Jardins de infância de Pedagogia Waldorf existem no mundo inteiro⁴, e a primeira sensação ao entrar em um dos tantos jardins pelo mundo afora é a de estar adentrando um lugar conhecido, aconchegante e sereno. Os espaços e os brinquedos permeados pela natureza nos dão impressão de ambientes muito parecidos, ao mesmo tempo em que as crianças e os educadores surpreendem pela diversidade dos contextos culturais em que estão inseridos. Entre percepções de proximidade e estranhamento, a sensação de acolhimento e harmonia permanece.

Essa característica, que muitos pais também percebem logo à primeira visita, se dá principalmente pelo cuidado que se tem com esse ambiente, que será o primeiro lugar de convivência da criança

depois da intimidade do seu lar. Nessa perspectiva, a proposta é que a vida de um maternal e jardim de infância de Pedagogia Waldorf se assemelhe à vida de uma casa de uma “grande família”⁵.

Os educadores organizam o tempo de convivência equilibrado em um ritmo, com momentos de expansão e concentração, como uma respiração, sem a rigidez de uma rotina, mas com o cuidado de que a criança tenha sempre respeitados longos momentos de expansão – que, nessa fase, se dão especialmente pelo brincar livre, tanto dentro da sala como fora, no jardim. Os momentos de mais concentração são organizados com tarefas de uma casa, como preparar o pão para o lanche, por exemplo, e também com cirandas, histórias e trabalhos artísticos.

⁴Em março de 2017, foi organizado um diretório atualizado de escolas, jardins de infância e treinamento de professores de Pedagogia Waldorf do mundo todo.

⁵Na Casa Amarela, as classes de jardim de infância têm em torno de 20 crianças de três a seis anos. No maternal, a classe tem 11 crianças de um ano e meio a três anos, às vezes quatro, de acordo com o critério das professoras em conversa com os pais.

A proposta pedagógica da Casa Amarela Maternal e Jardim de Infância de Pedagogia Waldorf fundamenta-se na antroposofia⁶, que elabora a proposta pedagógica partindo do conhecimento antropológico da criança em desenvolvimento, construindo a partir do que ela precisa e do que é adequado para cada fase de vida, e não das necessidades e dos anseios dos adultos.

O primeiro setênio⁷ é uma fase em que devem prevalecer a experiência com o corpo, o movimento, o ritmo, as possibilidades sensoriais, a relação com a natureza, a amorosidade, a alimentação saudável e a brincadeira livre como expressão natural da criança. Até os seus três anos, ela dará conta de adquirir o andar, o falar e o pensar, três habilidades que são base para toda vida. É surpreendente como esse aprendizado se dá de forma espontânea, sem a necessidade de uma intervenção metodológica e dirigida, passo a passo. Aliás, quanto mais livres e instintivas são essas conquistas, mais elas se tornam uma expressão individual da criança e mais podemos nos aproximar e conhecê-la verdadeiramente.



O desejo de andar, de falar, de se relacionar e de aprender surge da própria criança. Podemos dizer que existe uma grande “força de vontade”, ainda muito diferente da força de vontade consciente do adulto, mas que mostra seu impulso principalmente na ação brincante – por exemplo, nas incontáveis vezes em que a criança experimenta rolar, depois sentar, engatinhar, até finalmente se

⁶Para mais informações sobre antroposofia, acesse www.sab.org.br

⁷Primeiro setênio é o nome que se dá, na Pedagogia Waldorf, à fase dos zero até os sete anos.



levantar pela primeira vez! Todos esses esforços para cada nova conquista são feitos com a alegria inerente ao brincar. A cada conquista, novas possibilidades surgem e as interações com o mundo e com todos ao seu redor vão se modificando.

Se, no início, o brincar se dá com a descoberta do próprio corpo, ele vai se transformando, recebendo mais possibilidades com a imaginação, os amigos e a autonomia corporal. Então, surge o momento em que os pais se surpreendem ao ver seus filhos com autonomia e destreza subindo no galho mais alto da árvore, com histórias surpreendentes, transformando panos, caixotes e tábuas em casas, trens e

barcos, e, no fim do dia, sentando para desenhar livremente com cores e muitos detalhes a festa de São João que aconteceu no fim de semana. A criança, assim, mostra para pais e educadores que está pronta para se despedir desse espaço mágico do jardim de infância para uma nova fase de aprendizado.

Todo esse processo acontece principalmente através do brincar. Não uma brincadeira conduzida por adultos, mas espontânea, que nasce do desejo e do interesse genuíno da criança. Nessa etapa da vida, o brincar livre é o fundamento da nossa proposta pedagógica. Por isso, educadores e pais devem ter como meta proporcionar o espaço, o tempo e as

relações para que a criança expresse com plenitude e criatividade esse brincar potente e imaginativo.

Mesmo existindo uma bibliografia de estudos cada vez mais pertinentes sobre a importância do brincar para a criança, pais e educadores que acreditam na força desse caminho ainda se sentem desamparados e remando contra a maré. A vida contemporânea, com intensas e rápidas transformações dos meios de comunicação e do trabalho, altera significativamente as relações e a vivência do tempo e do espaço da vida humana. Consequentemente, interfere na infância: esse período precioso e fundante da formação do ser humano, onde damos os primeiros passos, cantarolamos as primeiras palavras, criamos e imaginamos mundos e construímos a alegria das primeiras relações humanas.

Nessa “grande família”, as relações são construídas e exercitadas para formarmos uma pequena comunidade de crianças, pais e educadores. O mesmo exercício social que as crianças fazem brincando livremente é feito pelos pais e educadores que participam intensamente das atividades da escola, colocando em prática as suas competências e compartilhando suas diferenças e, assim, descobrindo juntos formas criativas de convivência.

Nesse processo, quem nos ensina muito são as crianças, que forjam sempre novas possibilidades. Seu poder criador pleno e espontâneo é uma fonte de inspiração contínua e inesgotável para quem está atento às suas expressões. Participar ativamente desse processo de educar o outro e se autoeducar revela a intenção de ir além dos cuidados e aprendizados com os nossos próprios filhos(as) ou alunos(as) para ampliar o amor e interesse para infância como um momento fundamental do ser humano de qualquer lugar, etnia ou condição social. Significa reconhecer que nós, adultos, temos a responsabilidade de zelar pela infância pensando nas gerações futuras.

Nesse contexto, nosso grupo de educadoras da Casa Amarela busca criar possibilidades e vivências que respeitem essa visão da criança e das famílias do mundo de hoje. Uma das iniciativas que construímos na escola, com o apoio e a participação dos pais, foi a transformação do tanque de areia em um tanque de terra, realizada ao longo do ano de 2016. Essa simples ideia tornou-se um projeto e nos trouxe grande entusiasmo e aprendizagem. São esses registros, reflexões e aprendizagens que organizamos neste livro.



Quem já brincou em barranco de terra?

Foi com esta pergunta que iniciamos uma reunião de pais: “Quem já brincou em barranco de terra quando criança?”. Naquele momento, aquele barranco de terra vermelha da escola, que encardia a roupa das crianças de tal maneira que impossibilitava a sua limpeza, já não tinha mais tanta graça para os pais. Mesmo contando sempre com a confiança e a parceria deles em relação às nossas propostas, havia chegado a hora de uma boa explicação para a decisão de fazer a mudança do tanque de areia para terra.

Fazê-los relembrem da sua própria infância e trazerem para perto de si as memórias daquela época foi e continua sendo a melhor maneira de dar o primeiro passo em direção ao universo infantil. Timidamente, eles foram compartilhando memórias de suas brincadeiras no barranco. En-

quanto alguns descreviam os lugares onde costumavam encontrar os tais barrancos, normalmente em terrenos baldios, longe da supervisão dos adultos, outros relatavam as maravilhas que se podia fazer com aquela terra, desde bolinhos de chocolate até formar túneis secretos ou cavar buracos que guardavam tesouros. Percebemos que, para cada idade, o barranco tinha uma serventia distinta. Se os menores se satisfaziam com pequenas porções de terra em suas mãos, os maiores precisavam de todo o terreno, construindo enormes montes de terra para fazer, por exemplo, pistas de bicicross.

Era um relato mais interessante que o outro! Enquanto os pais descreviam o universo de possibilidades que o barranco de terra ofereceu às suas experiências de infância, nós, educadoras, notamos que a reunião praticamente não se fazia mais neces-

sária. A reclamação da sujeira na roupa das crianças ao voltarem para casa começou a tomar proporções muito menores quando comparada à riqueza das memórias de infância evocadas. O barranco de terra na escola já não era mais um lugar de incômodo e trabalho para o universo adulto, mas um espaço vivo, repleto de vivências infantis compartilhadas.



Nosso objetivo, no entanto, era ir além das recordações de infância para trazer à luz a importância do brincar livre com os diversos elementos da natureza, enfatizando o convite a partir do elemento terra, ou melhor, de um barranco de terra.

A ideia nasceu durante o planejamento para o ano letivo de 2016 quando, entre muitos assuntos, nos debruçamos mais uma vez sobre a questão de como proporcionar oportunidades interessantes para o brincar, a partir do nosso espaço escolar. Entre muitas possibilidades, surgiu a proposta de

transformar o nosso tanque de areia em um tanque de terra. Como moramos em uma ilha, próximos à praia, a vivência com a areia parece ser algo mais acessível e viável para os pais proporcionarem às suas crianças. Enquanto que a terra, aqui em Florianópolis, já não aparece com muita frequência como um lugar de brincar. Assim, decidimos experimentar essa mudança.

Um dos aspectos imprescindíveis para realizar tal proposta seria que as crianças participassem de todo o processo, e não que voltassem das férias para encontrar tudo pronto, como num passe invisível de magia. A magia, neste caso, é fazer junto. O trabalho deve ser feito não apenas para as crianças, mas principalmente com as crianças. É assim que elas aprendem e tomam gosto por viver a alegria de concretizar ideias em conjunto, somando forças e habilidades.

Essa verdade se torna ainda mais forte nas crianças maiores. Nossa inspiração eram as “crianças grandes”, de seis anos. Elas têm um papel muito importante no grupo. Ao mesmo tempo em que precisam de um desafio específico para sua idade e desenvoltura, o exemplo delas para os menores ao fazer parte da construção de algo bem especi-



al para todos é uma das riquezas mais bonitas de acompanhar. Os olhos dos pequenos brilham, eles querem estar junto em todos os momentos e almejam um dia também serem “os grandes da escola”. Essas relações, os valores que vivem nessa forma de educar, não são explícitos, não são discutidos e não são explicados para as crianças: eles acontecem intuitivamente, com a diversidade de relações que a mistura de idades proporciona.

Passo a passo da construção de um caminho

Começamos o ano firmes com essa proposta. Pouco a pouco, fomos tirando um tanto da areia para depois colocar a terra. Logo na primeira semana, já começamos a trabalhar. No entanto, nos primeiros dias, percebemos que foi uma ideia pretenhosa dar conta da tarefa contando apenas com





a ajuda do nosso grupo de cinco professoras e das crianças. Lembrando que nem todas as crianças eram grandes para contribuir efetivamente com a proposta. Todos ajudavam muito, mas, de panelinha em panelinha, tirar toda aquela areia seria uma tarefa para o ano todo. Precisariamos de mais ajuda. Seria fundamental que o processo não fosse terceirizado, e sim feito em casa, por nós.

Também queríamos que as crianças pudessem participar de corpo nessa tarefa. Por isso, resolvemos convidar os pais para a empreitada, ou talvez pudessemos dizer, aventura. Convite aceito, organizamos o primeiro mutirão. Mesmo em um dia chu-

voso, pais, crianças e professoras retiraram toda a areia do tanque, com muito suor e dedicação.

Levamos a manhã toda retirando a areia. Mesmo com a chuva, ninguém parou de trabalhar. As crianças participaram com entusiasmo. Cada qual ajudava como podia. Alguns observavam, encantados com a força e o empenho de seus pais, outros enchiam as panelinhas, bacias e baldes. Havia também aqueles que queriam ajudar a carregar os pesados carrinhos de mão.

Finalizada a primeira etapa, precisávamos preparar a segunda: colocar a terra. Para aquele tamanho grande de espaço, havia a necessidade de comprar terra. Tarefa que, a princípio, também parecia simples. Mas, ao fazer a encomenda, nos perguntaram:

– Que tipo de terra vocês querem?

Não sabíamos responder ao certo. Afinal, terra é terra, não é? As pessoas que nos atenderam explicaram que existem vários tipos diferentes que variam de acordo com a origem e a qualidade dos elementos que compunham a sua mistura, e que a nossa escolha dependia de qual seria o uso da terra. Quando contamos como ela seria usada, houve um espanto seguido do questionamento:

– Terra para criança brincar?



Para os vendedores – e talvez não só para eles –, a ideia parecia ser um grande absurdo, porque as crianças iriam se sujar bastante, as roupas iriam manchar e, afinal, escola não é lugar para brincar na terra. Depois de várias tentativas por telefone, decidimos verificar as diferenças de terra pessoalmente. Dessa forma, seria possível experimentar com as várias texturas e fazer a escolha. Algumas terras eram boas para plantar, outras para aterros. Ao serem tocadas, algumas se mostravam bem arenosas, outras cheias de pedras e galhos, outras ainda eram mais argilosas e algumas, que inclusive têm o nome de terra de barranco, eram bem mais vermelhas. Foi essa última que escolhemos.

A experiência de escolher o tipo de terra, de aprender que, depois de períodos de chuva, é necessário esperar pelo menos três dias para poder retirá-la no local de origem, entre tantos outros detalhes, foi nos abrindo um universo que não conhecíamos. Aos poucos, nos sensibilizamos com esse elemento, que parece tão parte de nossa existência, mas que tem uma riqueza e diversidade das quais mal nos damos conta.

Tínhamos consciência de que sozinhas não conseguiríamos colocar a terra para dentro da escola.



Contando com a parceria dos pais, convidamos toda a comunidade escolar para um segundo mutirão. Assim, bem cedinho, em um sábado de manhã ensolarado, o caminhão de terra chegou, deixando em nossa porta um presente especial.

Era bonito de ver todos juntos, pequenos, médios e grandes trabalhando com afinco por um único objetivo: levar a terra até sua nova morada,

a antiga caixa de areia. Mais uma vez, em apenas uma manhã conjunta de trabalho com direito à brincadeira e piquenique, finalizamos a tarefa e cobrimos a terra para que ela pudesse descansar até a chegada do novo dia escolar!

Depois do fim de semana, na segunda-feira seguinte ao mutirão, finalmente todos poderiam brincar no barranco. Mas, para isso, era preciso



“acordar” a caixa de terra com a ajuda das professoras. Depois de tantas semanas de espera e trabalho, esse foi um momento muito aguardado. Mesmo que o barranco não tivesse a dimensão dos barrancos de nossas memórias infantis, ele certamente foi um universo de descobertas e brincadeiras para as crianças. A revelação desse universo incrível do brincar foi acompanhada e registrada pelo grupo de professoras como parte do trabalho do Centro de Estudos da Casa Amarela. Suas colheitas serão descritas ao longo deste livro.

Passamos todo o verão e o outono observando como as crianças se relacionavam intensamente com a terra. Ao nos aproximarmos do inverno, lentamente o tanque de terra foi sendo esquecido, as crianças procuravam outros cantinhos do jardim. Com a chuva e o frio, elas não foram mais brincar na terra.

Foi extremamente interessante ver que o brincar acompanha o ciclo das estações e pulsa com a atmosfera que vive no seu entorno, como se o que acontece fora, no mundo exterior, tecesse não apenas uma paisagem para as brincadeiras, mas oferecesse também o substrato para que as crianças imprimam o conteúdo de suas almas.





Quando o clima começou a esquentar de novo, pensamos em algo para reavivar nosso barranco. A terra guardada debaixo da lona estava bem compacta, por causa da força das águas. Como um chão batido, seria necessário revolvê-la, dar uma mexida. Foi nesse processo que surgiu a ideia de construirmos uma casinha de pau a pique com a terra.

Mais uma vez, planejou-se um caminho para organizar essa tarefa. Isso incluía encontrar os ma-



teriais necessários, como bambu, esterco, folhas, palha e grama seca. Tudo foi feito com a colaboração dos pais da escola. Quando os elementos estavam preparados, o terceiro mutirão foi convocado. Afofamos a terra, que precisou ser despertada para preparar a mistura⁸ e construir a casinha. Foi necessária muita força, até para nós, adultos, para amaciar a terra que havia passado o inverno adormecida e estava muito dura para ser manuseada.

⁸A mistura é feita de terra, folhas, palha de capim, um pouco de esterco e água. Começamos pelas mãos, mas logo usamos os pés. Descalços, pisamos sobre a massa, dançando e cantando até a mistura ficar homogênea, para dar forma à parede. Um tutorial em vídeo, feito por Felipe Cardoso, pai da escola, está disponível em bit.ly/videomistura

A casinha trouxe novos elementos de brincadeiras e, mais uma vez, a oportunidade, para pais e filhos, de participar de uma tarefa que faz sentido no universo infantil. Era difícil saber quem aproveitava mais a experiência, se os pais ou os filhos.

A primavera chegou e a casinha resistiu a todas as chuvas que por ali passaram. Algumas rachaduras surgiram, mas ela seguia firme e forte. No final

do ano, quando a escola já estava toda envolvida com as histórias, ritos e símbolos que envolvem a época de Natal, decidimos que, como o processo com a terra havia sido tão intenso durante todo o ano, gostaríamos de finalizar o projeto convidando todos a fazer da casinha de terra o nosso presépio.

Construímos novamente com a ajuda dos pais, que se alegraram muito com o desfecho da histó-





ria, uma manjedoura de cipó, estrelas douradas e flores de papel crepom. As crianças também queriam deixar sua contribuição junto aos enfeites dos pais e, assim, procuravam surpresinhas da natureza e redecoravam a casinha de novo e de novo.

Aquela casinha de pau a pique havia se tornado um lugar especial, mágico, do qual as crianças se aproximavam com uma veneração pelo mistério por detrás de um porvir. Um lugar onde se entrava devagar, com mais cuidado e silêncio do que de costume, levando uma nova florzinha ou apenas ajeitando as flores que já estavam penduradas.

Foi assim que fechamos o nosso ano dedicado a observar a brincadeira com a terra.



Gestos que educam

Durante todo o processo da retirada da areia e da chegada da terra, como foi descrito anteriormente, o grupo de professoras fez registros e reflexões a partir de aspectos que iam se evidenciando e se mostrando relevantes. Algo que nos chamou atenção durante os mutirões foram os gestos na relação das crianças com os pais. Gestos feitos através de olhares, das mãos e de todo o movimento do corpo e que expressam amorosidade, entrega e confiança a vida e ao próximo. Para nós, educadoras, estas relações são fundamentais quando propomos encontros e trabalhos das famílias na escola, sejam em mutirões ou oficinas.

Em uma escola Waldorf, o envolvimento da família é crucial para que a proposta pedagógica cumpra seu objetivo. Esse envolvimento pode acontecer de muitas maneiras, como o comprometimento dos pais em se relacionar e colocar em prática os





Luiza observando atentamente o movimento do pai ao descarregar a terra no carrinho de mão

diversos conteúdos que são estudados e conversados nas reuniões, por exemplo, ritmo, alimentação, brinquedos, meios eletrônicos, entre outros. Além desse aspecto, os pais também participam de comissões organizadas pela escola⁹, grupos de estudos, oficinas de trabalho, passeios e mutirões. Nessa aproximação com a família, o espaço escolar se

torna uma extensão da casa, onde as vivências são uma oportunidade de transformação para todos.

Convidar os pais para mutirões na escola, onde juntos precisamos dar conta de uma tarefa, proporciona às crianças a experiência de acompanhar uma ação compartilhada entre os adultos dentro de um processo em que começo, meio e fim

⁹ Todas as escolas Waldorf têm comissões com os mais diversos temas, nas quais os pais podem se engajar voluntariamente.

se tornam evidentes. Por exemplo, cuidar de um jardim: ao plantar, fazer canteiros, rastelar, tirar matinhos, pintar a cerca, organizar o lanche para todo o grupo, cada qual se disponibiliza para a atividade que se sente melhor.

Nesses momentos percebemos quantas competências surgem. Além desse processo coletivo, a criança também acompanha como o jardim foi transformado a partir do nosso esforço, dos nossos gestos, através das nossas mãos. A criança se relaciona de uma forma diferente com o espaço que ela ajudou a deixar em ordem, mais cuidado e bonito.

Atualmente, a maioria dos nossos trabalhos acontece em frente a uma tela de computador. Além disso, por falta de tempo ou comodidade, até as tarefas mais simples do cotidiano não são feitas por nós, como cozinhar. Substituímos os processos de produção e construção pelo pronto, caminho mais rápido e cômodo, diminuindo drasticamente as oportunidades que a criança tem de participar da transformação da vida que acontece pelo fazer humano. Acompanhar uma avó tricotando um casaco, ajudar a mãe a fazer o bolo de aniversário ou ver o pai pendurando um balanço na árvore mais alta do jardim são experiências que ensinam

a criança muito mais do que explicações. A criança pequena aprende por meio do fazer, e não através de informações. E, por isso, precisa experimentar, sentir e observar gente que faz.

No projeto de transformar o tanque de areia em terra, convidamos os pais a participar e ajudar em mutirões marcados durante todo o ano letivo de 2016. Após cada um deles, nós, professoras, além de fazer uma retrospectiva sobre o encontro, tínhamos também como meta refletir sobre a importân-



cia social das relações que acontecem durante os mutirões. Foi a observação dos gestos tecidos nas relações que nos ajudaram a perceber sutilezas da convivência entre as crianças e os adultos.

Gestos de fazer junto

Os primeiros gestos que ficaram evidentes foram os gestos de fazer junto. A criança aprende muito quando nos disponibilizamos a realizar tarefas juntos – sem falar nem explicar, apenas agindo.

Gestos de acolhimento

Outros gestos que atraíram nossa atenção foram os que chamamos de gestos de acolhimento. A Casa Amarela tem crianças de um ano e meio a seis anos, e muitas são bem pequenas para carregar uma enxada. Mesmo oferecendo pazinhas pequenas que pudessem manusear, elas queriam estar o tempo todo próximas aos pais. Só depois, observando o registro das fotos percebemos pequenos gestos de amor! Além de ficarem próximas, observando com muita atenção, algumas vezes colocavam uma mão na ferramenta enquanto o adulto trabalhava, outras acompanhavam o carrinho de mão. Alguns dos pais percebiam e convidavam a criança a subir

Veja na foto ao lado, a pequena Manuela acompanhando o trabalho das professoras Liandra e Eliane. Abaixo, no detalhe, observamos que não apenas o uso da pá é imitado pela criança, mas também todo o gesto do corpo: os joelhos flexionam, as mãos se colocam em uma posição adequada para levantar o peso da terra. A concentração e a seriedade também acompanham o gesto da menina. Tudo isso acontece espontaneamente, nenhum professor ou pai lhe explicou. No entanto, ela tem adultos ao redor que sabem fazer, que são exemplos. Então, a criança acompanha em observação silenciosa, na qual os gestos falam e não as explicações teóricas.







Manuela guiando o carrinho de mão com a professora Gil

na carrilha ou a criança só se aproximava e, com os olhos encantados, observava paradinha o movimento que acontecia. Não havia ninguém chorando, pedindo colo ou algum outro cuidado específico.

A sensação era de que formávamos uma comunidade, que todos cuidavam e eram responsáveis por todas as crianças. Havia uma cumplicidade, e as crianças se sentiam completamente à vontade, acolhidas e confiantes, fazendo parte do grupo. Esse ambiente é essencial para que a criança pequena cresça com confiança. Para a Pedagogia Waldorf, a criança nos primeiros sete anos de vida deveria ter o direito de crescer em um ambiente que mostre que “o mundo é bom!”¹⁰ Essa confiança precisa ser cultivada para que, no futuro, esse jovem tenha força e coragem para transformar as injustiças ou incoerências da vida nos seus diversos aspectos. Mas, para isso, é necessário ter uma fonte de inspiração. É isso que representa, na primeira infância, a vivência de que o mundo é bom.

Infelizmente, sabemos que muitas crianças nascem e crescem em situações vulneráveis, nas quais

¹⁰ Quando na pedagogia Waldorf dizemos que a criança tem o direito de crescer em um ambiente onde “o mundo é bom” é lembrar a nós, educadores, pais e sociedade, a responsabilidade e o compromisso das nossas escolhas, morais, intelectuais, afetivas e sociais para as gerações futuras.

a confiança no mundo fica abalada desde a mais tenra infância. Mas nunca podemos perder de vista a missão de tentar proporcionar às nossas crianças uma meninice de amor e confiança. Para os pais, esse também é um grande exercício, afinal, eles vivem preocupados com o futuro de suas crianças. Ao perceber como o olhar e os gestos de toda criança ressoa em nós, adultos, independente da relação que temos com ela, nasce um senso de responsabilidade coletiva em relação à infância que transcende a visão individualista do núcleo familiar, onde o



Ávido por ajudar no trabalho de um dos pais da escola, Raul acompanha a atividade com sua mãozinha na pá



Davi ajudando seu pai a pilotar o carrinho de mão

bem-estar dos nossos próprios filhos parece bastar. Pais que vivenciam esse sentimento não conseguem mais passar de forma despercebida por qualquer criança. Nosso sentimento espontâneo de cuidar do menor que surge diante de nós aflora através de atitudes que transcendem o ambiente escolar.

Gestos com intenção

A cada dia de mutirão havia uma tarefa que coletivamente precisávamos dar conta. Para que um grupo tão variado de pessoas, com mães, pais, avós, professoras e crianças de diferentes faixas



etárias pudesse trabalhar com o mesmo objetivo e de forma eficiente, era necessário começar pela organização do espaço. E como nossa intenção era colocar a terra despejada na calçada para dentro da escola, ficou evidente a importância da organização para que a proposta fosse cumprida.

A terra na entrada, o caminho de tábuas, o plástico preservando a grama – prevendo um possível derramamento, ferramentas... As ideias foram surgindo, escolhemos os materiais disponíveis e, então, começamos a ação principal do mutirão. Foi tão interessante perceber como a organização do espaço ajudou as crianças a se encaixarem na proposta, sem muitas justificativas ou explicações. Por exemplo, os bem pequenos percebiam onde os carrinhos iam passar e, assim, estavam sempre fora dessa reta. Ninguém precisava avisar. Os maiores que queriam participar seguiam com seus carrinhos pelo caminho, sempre com um ritmo rápido, tentando acompanhar os mais velhos. Pela intencionalidade dos gestos, as crianças compreendiam a meta coletiva, que não fora verbalizada.

A criança pequena do primeiro setênio aprende principalmente por meio da sua corporalidade. Dessa forma, alcançamos uma educação que visa



o ser humano integral, e não focam apenas os seus aprendizados cognitivos.

Perceber a força da intencionalidade dos gestos observados nos trouxe algumas perguntas: O que significam gestos com intenção? Quais são eles? A criança vive esses gestos no seu cotidiano? Pesquisamos algumas possibilidades de gestos com intenção no nosso dia a dia: lavar e secar louça, varrer e limpar a casa, cozinhar, cuidar do jardim. Tudo parecia ter intenção. Será que existiriam gestos sem intenção? Difícil responder, porque parece que os gestos sempre tem uma intenção.

Mas talvez a pergunta seja: como a criança percebe a intenção? Será que sentar na frente do computador, ou perambular na frente de vitrines de um shopping sejam gestos com intenção para as crianças? Percebemos que, na vida contemporânea, os gestos são reduzidos. Os processos são pouco visíveis, a criança tem pouca oportunidade de acompanhar concretamente corporalmente, com um começo, meio e fim, processos cotidianos.

Crianças são curiosas, querem conhecer o mundo e fazer parte dos mecanismos de criação com os elementos mais simples do nosso dia a dia. Quando pensamos nos eletrodomésticos, por

exemplo, percebemos como eles encobrem muitos dos processos. A máquina de lavar, o aspirador, o liquidificador... A criança nota que aperta um botão e rapidamente as tarefas se resolvem.

Se, por um lado, a tecnologia ajuda uma família com muita carga de trabalho, por outro ela prejudica a criança que está descobrindo o mundo e tem vontade de fazer, experimentar, descobrir como funciona tudo ao seu redor, o que está por detrás dos acontecimentos e os fundamentam. Um dia fizemos suco de laranja usando um espremedor manual e a maioria das crianças não conhecia o movimento de girar a fruta para espremer seu suco. Eles sabem que suco se faz assim: corta a laranja, coloca no espremedor e o suco está pronto.

Como será crescer em um mundo em que a criança não acompanha os processos? É nesse sentido que os mutirões são potencialmente ricos: eles dão às crianças a oportunidade de acompanhar gestos com intenção que modificam o mundo. O gesto transcende o puro movimento para nos aproximar da natureza criadora e transformadora do ser humano. É com essa força humana que as crianças querem se conectar e se relacionar para descobrir o que elas são capazes de fazer.



Brincar com a terra no ciclo do ano

Quando nomeamos o brincar de “livre” no contexto escolar, a intenção é assegurar a condição essencial de liberdade para que a brincadeira espontânea aconteça, a partir dos próprios impulsos e criações das crianças. Respeitar, compreender e não intervir na brincadeira não é sempre a postura fácil para educadores e pais. Por um lado, temos a tendência de sempre intervir com o intuito de trazer algum tipo de ensinamento. Por outro, nos afastamos desse momento, aproveitando que a criança está entretida brincando. Nos dois casos, existe uma falta de compreensão da importância do brincar para o ser humano. Estar atento à brincadeira é uma oportunidade de aprendizagem para educadores e pais que buscam compreender a criança a partir dela mesma, e não do que imaginamos para ela.





A intervenção do educador deve acontecer no trabalho de “preparar” o que a educadora Luiza Lameirão denomina de “envoltórios para o brincar”¹¹, isto é, oferecer tempo adequado para o brincar, que precisa seguir o ritmo da criança e não uma rotina rígida e fragmentada. Outro aspecto essencial são as relações que a criança procura ao brincar livremente, com uma diversidade

de idades, gêneros e grupos. Como terceiro aspecto, há o espaço com materiais pouco prontos e estruturados, de forma que a criança possa intervir e criar possibilidades a partir de si. Durante todo o processo de colocar terra no lugar da areia para as crianças brincarem, fizemos um registro específico sobre as brincadeiras que surgiram com esse novo elemento. Nas reuniões pedagógicas ao

¹¹PLAMEIRÃO, Luiza T. H. *Criança brincando! Quem a educa?* São Paulo: João de Barro, 2007.

longo do ano, cada professora compartilhava suas observações. Para compartilhar esse material, fizemos uma seleção que perpassa o ciclo anual e estão intimamente ligadas as estações e suas diferentes qualidades.

Brincadeiras de verão

A primeira brincadeira que surgiu com o tanque de terra era simplesmente sensorial. As crianças andavam descalças pelo morrinho, para cima e para baixo. Era interessante de ver. A percepção se dava apenas através dos pés descalços, as mãos ainda não interagiam. Conforme elas pisavam no barro, ele ia se transformando em chão batido, mudando completamente sua consistência.

As crianças menores, em idade do maternal, tinham delicadeza e cuidado nessa percepção, principalmente pelo desequilíbrio que o morrinho proporcionava. Já os maiores corriam para lá e pra cá com mais destreza, mas também ainda apenas interessados na sensorialidade de correr descalço sobre a terra. A brincadeira não podia ser mais simples e, ao mesmo tempo, causar tanta alegria: andar e correr sobre a terra!

Devagarzinho, as mãos foram se aproximando da terra. Primeiro só um dedinho, mas logo já havia pedaços de torrões de terra sendo esfarelados entre os dedos. Até que, subitamente, surgiu a vontade de pegar as panelinhas e colocar a terra para ser um ingrediente importante nas receitas de “comidinhas”.

Assim que a terra chegou à panelinha, outros elementos foram sendo adicionados. No início era





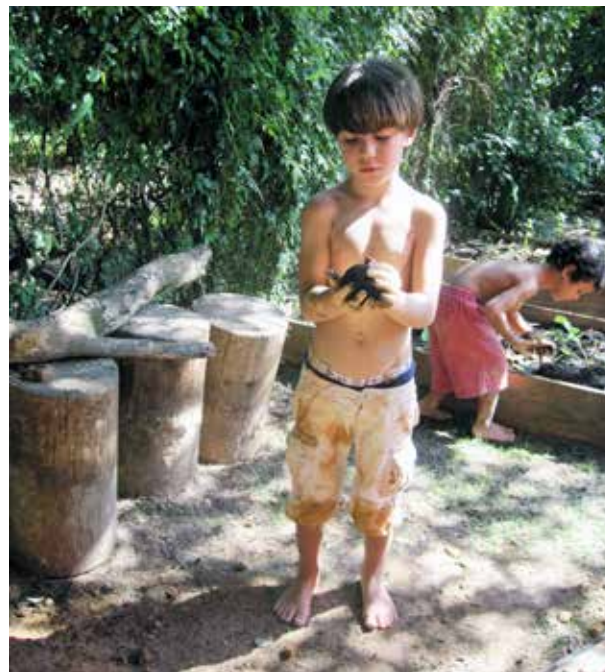
só terra. Depois, terra e folhas. Então, terra folhas, flores e algumas pedrinhas. Mas não tardou muito para que a água fosse introduzida.

É impressionante a força da água na brincadeira das crianças. Elas conseguiam passar cerca de uma hora concentradas, persistindo em testar as nuances de texturas que surgiam com a mistura da terra com água. Enquanto algumas introduziam a água lentamente, experimentando uma textura mais seca, outras transbordavam seus potes, dissolvendo a terra de tal maneira que ela parecia água barrenta de enxurrada.

Com a chegada da água, um novo universo havia se aberto. Toda a exploração da terra, que, para a surpresa das professoras, ainda estava tão “limpinha”, foi tomando um caminho totalmente diferente. As crianças foram se aproximando de uma textura que não era nem tão seca e nem tão molhada, algo mais cremoso, que foi nomeado como “mousse de chocolate”. Foi nessa consistência que aconteceu mais uma mudança. A mistura parecia tão irresistível que as colheres foram deixadas de lado e agora era a vez de colocar as mãos e braços no ‘mousse de chocolate’.

Bolinhas

Foi a partir dessa textura mais melecada que a brincadeira se transformou. A terra parecia estar cada vez mais próxima. Enquanto os menores se divertiam apenas com a sensorialidade da terra em suas mãos – que logo passou para braços, barriga e pernas –, os maiores tentavam de alguma maneira trazer uma forma para aquela mistura. A primeira forma que surgiu foi a bola. Cada qual do seu jeito. A brincadeira das crianças mais velhas seguiu este caminho: a criação de bolas pequenas,



médias e grandes. Para alcançar essa forma tão redondinha, as tentativas se estenderam por muitos dias. O primeiro passo era sempre encontrar a textura exata da terra com a água.

Depois, com o movimento das mãos, ir construindo a forma. Assim, apenas percebendo pelo corpo, pelo tato e pelo movimento, cada criança, no seu tempo, sem ninguém explicar nada, brincou de fazer bolinhas, desafiando-se em encontrar a forma esférica, o redondo, o inteiro com tanta perfeição.



A alegria e orgulho das crianças maiores ao alcançarem essa forma circular de maneira tão plena contagiou as outras. Por muito tempo, a brincadeira de todos com a terra foi fazer bolinhas. As crianças sentavam umas próximas às outras e, assim, sem dizer nada, trabalhavam com suas mãozinhas tentando chegar à bolinha perfeita. Como mestre tinham a própria natureza: as frutas que encontravam nas árvores ao redor. Essa brincadeira, embora tenha sido mais intensa nesse período, acompanhou as crianças durante o ano todo.







Chuva de festa!

Porém, o encontro da terra com a água não parou por aí! Era pleno verão em Florianópolis, e as crianças pediam cada vez mais água. Até que um dia se lembraram de fazer “chuva de festa”, a brincadeira de verão mais esperada, que é o famoso banho de mangueira. Esse nome foi dado muito tempo atrás por um grupo de crianças da Casa Amarela. Dessa vez, não era banho de mangueira com crianças correndo na grama do jardim, mas no morro de terra!

Era tanta água que o morro se tornou o escorregador mais liso que elas haviam vivenciado. A graça se tornou escorregar, escalar e derrapar. Quantas possibilidades motoras!

Não bastasse a brincadeira de escorregar, cair e levantar entre gritos de alegria, o mergulho ainda precisava ser maior. A terra já não era mais um elemento externo, agora fazia parte do corpo todo! Em alguns casos parecia ser uma extensão natural da pele da criança.

Assim, passamos o verão inteiro brincando com terra e muita água!



Brincadeiras de outono

As estações do ano em Florianópolis são bem definidas. Embora no outono ainda esteja bem quentinho, em muitos momentos já temos um vento gelado, fazendo com que a quantidade de água disponível para as brincadeiras diminua bastante. Depois de tanta água na terra e pezinho pisoteando, escorregando e correndo sobre ela, o morro se tornou um chão batido compacto. As crianças mal conseguiam retirar pedaços de terra para usar em suas comidinhas ou bolinhas.

Ele começou quase a perder a graça, até o dia em que, na recreação do contraturno, um grupo de ex-alunos da Casa Amarela com idade entre sete e oito anos veio nos visitar. Ao passarem os olhos sobre aquele monte de terra batida, foram logo pedindo as pás da escola. Com as ferramentas, começaram a fazer buracos. A força que faziam era impressionante! Aquela terra estava tão compacta que seria impossível para as crianças pequenas fazerem aqueles buracos.

Eram quatro meninos. Eles se revezavam para fazer a força. Era muito interessante como eles foram descobrindo a melhor maneira de utilizar a



pá para que ela conseguisse furar a terra. Diante do olhar espantado dos pequenos, esses meninos conseguiram interferir na paisagem que ali havia sido estipulada pela dureza do chão. O morro, desde o mutirão dos pais, não havia mudado sua forma, apenas a textura. Esses meninos trouxeram um elemento completamente novo. Interferiram e transformaram na paisagem do morro com a atuação dos seus corpos. Enquanto para os menores

a vivência sensorial parecia por muito tempo ser suficiente, os meninos maiores, já em outra fase, em pouco tempo não se sentiam mais satisfeitos de apenas brincar com os elementos da terra com a água. A necessidade de intervir e transformar era mais urgente. Também era claro que, para isso, havia a necessidade de uma força e de uma habilidade que, nesse caso, não era possível para os menores.

Mesmo assim, os pequenos observavam atentamente, com uma veneração de emocionar. Pareciam quase decorar cada gesto. Sempre que surgia a oportunidade, pegavam alguma pá que estava sobrando e queriam experimentar por si mesmos aquela habilidade que tanto admiravam. Com um pouco de sorte e persistência, algum dos grandes se disponibilizava para ajudar nessa tarefa.





Buracos

A terra, diferente da areia, deixa com mais força os rastros da brincadeira marcados no tempo, como foi observado pela professora Juliana durante nossos estudos sobre as brincadeiras na terra: *“Todo dia que abrimos o tanque de terra é uma surpresa. A areia era sempre igual, mas agora, com a terra, porque ela é mais firme, ficam os ‘restos’ das brincadeiras dos ‘grandes’ do dia anterior!”*

Os buracos feitos pelos grandes trouxeram um novo universo para as brincadeiras na terra. A imaginação encontrou um novo espaço. Foi incrível perceber como a concavidade provocada pelos buracos trouxe outra qualidade para a brin-

cadeira. Enquanto, em um primeiro momento, tudo se concentrou em percepções sensoriais e motrizes, essa forma aninhada, dentro da terra, que os buracos produziram trouxe as narrativas, o simbolismo, a imaginação. A professora Mônica compartilha suas reflexões acerca da mudança da brincadeira com a vinda dos buracos da seguinte maneira:

“Percebo dois gestos principais na brincadeira das crianças: o ninho e o trabalho. Duas qualidades de certo modo polares, mas também interligadas. O trabalho vem antes, ele transforma a terra, e depois vem o ninho, o aconchego. Eles procuram muito esse ninho, esse aconchego, essa proteção. O buraco traz isso, esse contorno.”





Brincadeiras de inverno

No inverno, lentamente as crianças foram se afastando da terra. Procuravam outros cantos e materiais do jardim, mais ensolarados e secos. A terra parecia estar absorvendo o frio da estação, e esse espaço ficou um lugar mais abandonado do jardim. Não entendemos esse movimento logo de início, até porque as crianças não falavam a respeito. É preciso observar. É como se houvesse uma sabedoria intrínseca que, a cada estação, muda seus interesses e, consequentemente, de brincadeira. Foi muito bonito de ver esse movimento espontâneo deles. Uma das últimas brincadeiras que registramos, ainda em um dia ensolarado, foi a fábrica de placas de chocolate.

Fábrica de placas de chocolate

Certo dia, um dos meninos, testando a sua força na terra, tirou de uma vez só um pedaço grande de terra. Ele se surpreendeu ao conseguir tirar uma lasca de terra tão grande, sem quebrar, que mal cabia em sua mão.

De repente, isso virou uma brincadeira: tirar grandes lascas de terra sem quebrar. Eles ficaram



muito tempo fazendo isso. Muitas crianças foram se aproximando. Como havia só duas pás, elas se revezavam para ver quem tirava a melhor e maior lasca de terra. Assim foram se aperfeiçoando na técnica.

Enquanto alguns tiravam as lascas, outros foram levando até a casinha, onde as quebravam em pedaços menores. Aí foram nomeadas “placas de chocolate”. Quando a produção ficou bem grande, eles começaram a colocar as placas em uma tábua, como se fossem bandejas, e passeavam pelo jardim vendendo suas deliciosas placas de chocolate!

Brincadeiras de primavera

Depois de um rigoroso inverno, onde a terra descansou, a primavera foi se mostrando. Em um dia ensolarado, resolvemos dar uma olhada na nossa terra. Ela não estava mais úmida e fria como no inverno, estava bem sequinha, mas tão compacta e dura que mesmo se alguma criança tivesse vontade de voltar a brincar com ela não seria possível.

Resolvemos pegar as nossas pás para, com toda força, tentar afofar a terra. Como em um passe da





mágica, as crianças foram se aproximando e, com muita alegria, construindo um morro com os pedaços que as nossas pás quebravam.

No lugar daquele buraco-ninho, foram sendo colocados todos os pedaços de terra, formando um pequeno morro – aquele que um dia existiu no começo de toda essa história. Dessa forma, o ciclo parecia estar recomeçando.



Casinha: tarefa de “criança grande”!

Como foi colocado anteriormente, em um jardim de infância de Pedagogia Waldorf, a diversidade¹² de idades em cada classe é essencial para a riqueza das relações. O educador acompanha a criança e sua família por alguns anos, e, no último ano, prepara desafios especiais para as crianças que vão se despedir da escola¹³. No projeto “Quem já brincou em barranco de terra?”, pensamos em construir uma casinha de barro para todas as crianças da escola. Imaginamos que essa seria uma tarefa interessante para todos, mas principalmente para os “grandes”. Para essa construção, mais uma vez, nos deparamos



Após escolher o lugar, traçamos uma linha para a marcação

¹²A idealização da Pedagogia Waldorf, desde a fundação da primeira escola, na Alemanha, em 1919, baseou-se em princípios inovadores para a humanização da sociedade. Entre eles estava o atendimento a todas as crianças, sem distinção. Portanto, a diversidade foi sempre vista como um ponto positivo nessa proposta.

¹³Após essa idade, a criança começa um novo ciclo, o primeiro ano do Ensino Fundamental.

com diversos desafios que fomos aprendendo a resolver em conjunto com as crianças e com os pais.

O primeiro passo foi escolher o local para a construção. Depois, fazer as marcações e a vala. Embora todas as crianças estivessem sempre junto nesse processo, a concentração dos pequenos era menor, enquanto os maiores podiam passar muito tempo observando e ajudando.

Depois, cavamos as valas com as pás. As mãos faziam o trabalho mais delicado no final, para tirar toda a terra do buraco.





Com a escavadeira, escolhemos três pontos para fazer buracos mais profundos, onde colocaríamos os bambus mais grossos para a sustentação da casinha. A escavadeira foi uma ferramenta altamente interessante para as crianças! Queriam compreender sua tecnologia: quanto mais abriam em cima, mais a pá de baixo fechava, carregando a terra.



Depois de pronta a base, foi hora de buscar os bambus para fazer o trançado das paredes



Terra, esterco e folhas: tudo misturado com água para fazer a "massa" das paredes da casa



Chegou a hora do telhado. Pedimos ajuda para um dos pais da Casa Amarela, que também é carpinteiro. Com muito interesse, as crianças acompanharam o seu trabalho. Sem perguntar, sem falar, se concentraram nos gestos ágeis e competentes do carpinteiro!

Essas foram as etapas da construção da casinha. Da marcação do lugar até a finalização do telhado, demoramos dois meses. Além de, mais uma vez, precisarmos da ajuda dos pais, houve vários longos dias de chuva. Muitas vezes, as crianças expressaram sua impaciência com a demora da construção. Para eles, todo dia era um bom dia

de trabalho. Esperar foi um dos grandes exercícios praticados por todos os envolvidos, adultos e crianças. Estas últimas às vezes pareciam se desinteressar, mas a cada novo passo da construção o entusiasmo ressurgia.

Cada etapa nos parecia um mundo de possibilidades: o material utilizado, as ferramentas, o conhecimento de cada detalhe. Participar desse processo era uma livre escolha de cada criança. O interesse e a persistência de acompanhar todas as fases eram das crianças maiores. Os pequenos sentavam ao redor, olhavam um pouco, depois voltavam a brincar. Mas toda vez que havia algum



Quando não aguentavam mais de tanta vontade de ajudar, as crianças recebiam tarefas que faziam com todo interesse



O telhado foi coberto com sapê. Cada passo da construção era acompanhado pelo olhar atento das crianças maiores



Tudo pronto! Já podemos entrar?

pai ajudando na construção da casinha, impressionava o ambiente tranquilo da brincadeira que reinava no jardim. O trabalho concentrado e com sentido¹⁴ do adulto influenciava todo o espaço do brincar das crianças. Quando finalmente termina-

mos mais essa etapa, foi grande alegria das crianças, dos pais e das educadoras. Mas precisamos confessar que a animação das crianças foi maior durante o processo de construção do que ao ver a casinha pronta!

¹⁴Aqui mais uma vez nos referimos a gestos com intenção, visíveis à criança como movimentos que transformam e criam possibilidades novas.

De mutirão em mutirão, chegamos ao final!

Terminamos o ano de 2016 desejando as nossas férias de verão. Talvez, este desejo não fosse tão diferente dos outros anos, afinal a vida em uma comunidade escolar é muito intensa, mas havia algo a mais. Nós, o grupo de educadoras da Casa Amarela, com a ajuda dos pais, construímos uma proposta de trabalho que permeou todo o ciclo anual, que foi além das tarefas pedagógicas do dia a dia e precisou da ação coletiva durante todo o processo.

Ao mesmo tempo que este desafio nos trouxe entusiasmo com as conquistas e descobertas que proporcionou, também se mostrou desafiador na persistência e rigor dos registros e observações feitas. Assim, decidimos partilhar esta experiência. Reunimos todas as nossas observações, registros e

encantamentos: as trilhas que foram construídas passo a passo, as imagens coletadas e fizemos uma seleção.

A proposta não é oferecer uma ideia replicável, mas sim, compartilhar o caminho de pesquisa e atuação pedagógica do nosso grupo de educadoras que partiu do olhar para o espaço escolar de determinado grupo de crianças e que enfrentou os desafios da construção de um caminho coletivo de estudo.

Quem sabe estes registros compartilhados possam inspirar mais educadoras a construir possibilidades criativas e autônomas nos ambientes escolares?

Educadoras da Casa Amarela

(Eliane, Gil, Juliana, Liandra, Monica e Sandra)























“Foi com esta pergunta que iniciamos uma reunião de pais: ‘Quem já brincou em barranco de terra quando criança?’

Mesmo contando sempre com a confiança e a parceria deles em relação às nossas propostas, havia chegado a hora de uma boa explicação para a decisão de fazer a mudança do tanque de areia para terra.

Fazê-los lembrarem da sua própria infância e trazerem para perto de si as memórias daquela época foi e continua sendo a melhor maneira de dar o primeiro passo em direção ao universo infantil.

Timidamente, eles foram compartilhando memórias de suas brincadeiras no barranco. Enquanto alguns descreviam os lugares onde costumavam encontrar os tais barrancos, normalmente em terrenos baldios, longe da supervisão dos adultos, outros relatavam as maravilhas que se podia fazer com aquela terra, desde bolinhos de chocolate até formar túneis secretos ou cavar buracos que guardavam tesouros (...)”

